

ENTREVISTA

O FIM DA ÁREA DA SEXUALIDADE

Entrevista com o presidente da SBRASH da gestão 2016-2017

Por Sheila Reis

Itor Finotelli Jr.¹, é graduado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMP), Psicoterapeuta Sexual, especialista na área da Sexualidade e Gênero pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre e Doutor em Avaliação Psicológica pela Universidade São Francisco (USF). Atua na área de Pesquisa Clínica, especificamente no desenvolvimento de técnicas, procedimentos e instrumentos de medida para avaliação da sexualidade humana. Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH), no biênio 2016/2017, Secretário Geral/Tesoureiro da Associação Mundial para a Saúde Sexual (WAS) e membro da Sociedade Internacional de Medicina Sexual (ISSM).

Sheila Reis: Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória profissional. Como se deu o interesse na formação em Sexualidade Humana?

Itor Finotelli Jr.: “Seu capital é humano”, me disse um professor muito querido da área da administração. Na época eu estava no segundo ano da Faculdade de Administração e trabalhava desde meus 13 anos na área de Tecnologia da Informação. Para mim foi muito difícil, entendia internamente o que ele queria dizer, mas concretamente não sabia muito o que fazer. Não tinha ideia o que fazia Psicologia até fazer uma disciplina como ouvinte e, a partir daí, pude concretizar alguma ação nesta afirmação tão importante que mudou minha vida. No segundo ano de Faculdade de Psicologia, percebi uma falta muito grande da sexualidade no ensino, na época fazia um estudo que buscou diferenciar o discurso parental da aceitação com apoio em relação a sexualidade de um grupo de mulheres lésbicas. Desde então, não parei de me aprofundar na área. Realizei meu sonho de estudar a área da sexualidade pela antropologia e sociologia na UERJ e alcancei um estado de consciência maior quando medi a sexualidade no mestrado e doutorado. Afirmo maior, pois ganhei maturidade para entender que boa parte da nossa atuação não liberta o indivíduo nas suas expressões sexuais. Pelo contrário, nossa atuação tem um arcabouço perverso e, sem perceber, ela infiltra nas mais inteligentes mentes bem-aventuradas. Continuamos a replicar em nossas atuações diversos modelos aprisionadores, sem perceber.

Sheila Reis: O que o motivou a se candidatar para o cargo de Presidente Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH)? Quais foram os principais desafios e realizações?

Itor Finotelli Jr.: Congregar deveria ser um compromisso de todo profissional, independente da área. Congregar sempre, independente do ponto de vista. A SBRASH no Brasil mantém esse propósito na área da sexualidade. Quando me inscrevi como associado ao final de 2006, atuava na área, mas quando entrei no campo, percebi que ele era minado. Muitos grupos e profissionais que não conversavam e brigavam territorialmente em saberes, políticas e notoriedade. Não sentia que as pessoas queriam congregar e fortalecer. Penso que isso afastou e mantém afastado a união de ciências, políticas e saberes que a área da sexualidade tanto demanda para uma atuação transdisciplinar. Fui peixe pequeno e tentei transitar por diversos espaços para conhecer de perto os problemas de cada segmento. Busquei na história de cada uma das pessoas o conhecimento necessário para entender o problema. Sexualidade é um campo fragmentado, portanto frágil. Minha motivação maior em se aproximar da política de associações foi justamente o motivo pelo qual a SBRASH atua. Assumir a Presidência foi uma consequência disso, não tem política, mas trabalho. Quando iniciei como Secretário Geral da SBRASH, não havia um caixa financeiro sig-

¹Contato com o entrevistado: Itor Finotelli Jr. +55 (19) 91082-4602 e-mail: itor@psicoterapiasexual.com.br

nificativo estávamos com pouca representatividade nacionalmente. Comparativamente, com outros períodos, a SBRASH passava por um momento institucional delicado. Porém, as pessoas envolvidas, não somente os diretores, muitas outras estavam interessadas e dispostas a trabalhar para que a entidade não se extinguisse. Foi para mim um momento especial, pude trabalhar coletivamente, aprendi com muitas pessoas e aumentei minha rede de relacionamento. Para SBRASH, ela voltou ascender e continua com a responsabilidade de congregar, há muito trabalho pela frente!

Sheila Reis: Em sua experiência, atuando na área clínica e em instituições de ensino, quais as maiores dificuldades ainda enfrentadas no desenvolvimento do estudo da sexualidade humana, aqui no Brasil? Houveram mudanças significativas?

Itor Finotelli Jr.: A área clínica não dialoga com a social, a educacional dialoga com todo mundo e a social não dialoga com ninguém. Nos saberes estamos mais articulados, mas as relações entre as áreas continuam assim. Essa é uma visão macro do território Brasileiro, mas se aprofundarmos teremos problemas muito piores quando inserirmos, por exemplo, a relação dos movimentos populares na área da sexualidade. Para ciência e ensino, não temos um programa de pesquisa como temos, por exemplo, financiado para outras áreas. Temos fragmentos, grupos e algumas poucas disciplinas espalhadas nas universidades. Sexualidade é ainda conhecimento marginalizado, pauta de espetáculo e difundida em discursos pulverizados que atraem holofotes. Não aprendemos a dialogar fora da academia, ao mesmo tempo, não aprendemos aprofundar e criticar nossos estudos dentro da academia. A diferença para hoje é a liberdade do diálogo, todavia, que mantém, certas vezes em alguns segmentos, a agenda perversa de normatização da sexualidade. Melhoramos a articulação, mas ainda somos fragmentados, falta consciência crítica e o trabalho social/político com a sociedade.

Sheila Reis: Através de seus estudos e participações em Congressos Nacionais e Internacionais, o que poderia dizer sobre os avanços no Desenvolvimento Científico da Sexualidade Humana no Brasil em relação aos Estudos realizados no Exterior?

Itor Finotelli Jr.: Essa é uma excelente

pergunta. A comparação entre estudos e avanços na área não dependem somente de investimento financeiro, mas da consciência individual e coletiva de cada país. A sexualidade é o core da existência humana, subestimamos quando não olhamos para ela a nível de existência. Quando temos países com liberdades sociais e condições financeiras melhores que outros, eles mantêm a possibilidade de alcançar temas próprios da sua existência acerca da sexualidade, nem sempre isso é generalizável ou avançado na comparação com outros países/estudos. Essa é a maior dificuldade que temos para dialogar como associação com países/associações africanas e não precisamos ir tão longe, em nossas periferias, comunidades e favelas. Até mesmo com a população trans, percebemos que falamos línguas diferentes. A sexualidade precisa deixar de existir como área, pois sua história, sua ideologia de classe e parte do seu repertório técnico científico é normativo. Vale olhar para futuro e predizer o fim da área da sexualidade, é possível que as próximas gerações sintam-se abismadas, "É sério que vocês se preocupavam com orientação sexual e ainda classificavam?", ou "Qual problema em cada indivíduo ter uma identidade social e sexual única e mutável, somos diferentes a cada tempo, não?". Acontecimentos como a transumanização, a realidade virtual e a inteligência artificial mudará como nos relacionamos com os nossos corpos e como nos relacionamos com o outro. Os relacionamentos terão outro formato, pois viveremos mais e com maior qualidade. O que está acontecendo agora é o uso da tecnologia para gerar uma enorme quantidade de dados sobre a sexualidade. Antes era impossível, ninguém sabia de nada sobre o outro. Certamente, essas informações serão aplicadas em nós no futuro. Se será bom ou ruim, isso mudará radicalmente a área e provocará sua extinção para nascer uma nova área de estudo. É isso que mais percebo internacionalmente, alguns sente que o campo irá se transformar (acabar), só não sabemos como enterrar a sexualidade e permitir surgir essa nova área. Veja, por exemplo, as queixas mais frequentes no consultório, uma parte das pessoas não enfrentam mais problemas na função sexual, a função está preservada, mas essas pessoas não conseguem sentir prazer ou compreender essa expressão na sua vida. É claro, as dificuldades em se relacionar afetivamente aumentam exponencialmente.

Sheila Reis: Como vê o cenário nacional em relação à Profissionalização na área do Estudo da Sexualidade Humana. O que dizer aos profissionais que se interessam pela área? Quais os cuidados e ao que ficar atentos?

Itor Finotelli Jr.: Para todas as áreas, vivemos a mercantilização do ensino, não é diferente para a área da sexualidade. É preciso ficar atento as ementas, conteúdo e, principalmente, professores. Trabalhar com sexualidade é moda, por isso temos uma enorme oferta de cursos. Há ainda cursos que não preparam o indivíduo para aquilo que é proposto ou lecionam um conteúdo não aplicável ou, ainda pior, cursos de um único profissional. Não temos uma entidade específica que regulamenta ou acompanha esses cursos, tão pouco regulamentam a especialidade nas diversas profissões que atuam na área da sexualidade. A ausência disso, torna o campo terra de ninguém. Estamos muito desorganizados para começar articular uma política de profissionalização e essa desorganização é interessante para a maioria, por incrível que pareça. Aos que se interessam pela área, diria para buscarem a coragem, o esforço e a humildade. Coragem, essa não é uma visão distímica da área, não mesmo, é uma visão muito realista e trabalhista que convida aqueles que se sentem profundamente envolvidos, não é uma área técnica ou para aventureiros, tão pouco para estrelato. Esforço, a chave para desenvolver uma forte determinação em se manter em constante aprendizado, é uma área sem parâmetros, infinita e altamente reflexiva. Humildade, será preciso desaprender, toda vez que aprender algo, as vezes o conhecimento está na fonte mais improvável, a humildade também desenvolve a compaixão que ajudará com os sentimentos negativos gerados pela adversidades da profissão.

Sheila Reis: Sexualidade Humana no Brasil, por Itor Finotelli Jr. ...

Itor Finotelli Jr.: Temos muito trabalho, pois muitas existências não estão livres de coerção e violência, tão pouco vivem em paz e harmonia com esse principal segmento da existência humana. Enquanto isso não for estimulado e alcançável a todos, a liberdade de alguns está condicionada a prisão de outros.

Sheila Reis - Psicóloga e Mestre em Sexologia. Diretora de Relacionamento da SBRASH - biênio 2016/17